



Viagens ao Passado: Os Intelectuais e a Sacralização de Ouro Preto

Vanuza Moreira Braga¹

Resumo:

Esse texto é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a atuação do SPHAN (Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em Minas Gerais no período entre 1939-1964. Por ora, nos concentraremos sobre as viagens de quatro intelectuais (Olavo Bilac, Amoroso Lima, Mário de Andrade e Afonso Arinos) cujos trabalhos foram fundamentais no processo de construção da cidade de Ouro Preto como relicário da nação e na formulação dos discursos sobre a preservação do patrimônio no Brasil.

Palavras-chave: intelectuais, SPHAN, viagens a Ouro Preto

Abstract:

This text is part of a broader research on the role of SPHAN Service (National Historical and Artistic Heritage) in Minas Gerais in the period 1939-1964. For now, we will focus on the journeys of four intellectuals (Olavo Bilac, Amoroso Lima, Mário de Andrade and Arinos) whose work was fundamental in the process of building the city of Ouro Preto as a relic of the nation and in shaping the discourse on the preservation heritage in Brazil.

¹ Vanuza.braga@fgv.br.

Introdução

O Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) foi criado pela lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937 e regulamentado pelo decreto-lei nº 25 de 30 de novembro do mesmo ano. Em última análise, podemos afirmar que sua criação é fruto de demandas de longo prazo pela preservação dos bens de valor histórico e artístico brasileiros, mas que ganharam visibilidade a partir dos anos de 1920 com o fortalecimento das questões de cunho nacionalista.²



Foto: Weder F. da Silva

As narrativas sobre sua criação remontam ao movimento modernista de 1922 e à figura de Mário de Andrade, redator do anteprojeto que lhe daria origem. Sem desconsiderar a importância de Mário e a inegável influência que o movimento modernista desempenhou sobre os intelectuais que estiveram ligados ao “patrimônio” a partir de 1937, pretendemos discutir nesse texto, em que medida a cidade de Ouro Preto - vista como relíquia³ maior da nação brasileira – serviu como inspiração a diversos intelectuais e políticos na formulação e consolidação das ideias de preservação no Brasil.

² Ver: OLIVEIRA, 1990.

³ Para o sentido de relíquia, ver POMIAN, Krzystof, 1984.

Embora, durante muitos anos, os estudos⁴ sobre a *Semana de Arte Moderna de 1922*, tenham atribuído a ela um momento fundador das ideias modernas no país, compartilhamos com Ângela de Castro Gomes, o entendimento de que o modernismo no Brasil pode ser visto como um movimento de ideias que circulou pelos principais núcleos urbanos do país, antes mesmo da década de 1920 (GOMES, 1993:62).

No caso específico de Minas, conforme mostraram Fernando Correia Dias e Helena Bomeny, a *Semana de Arte Moderna* não representou influência imediata.⁵ Carlos Drummond de Andrade alegaria que eles só tiveram notícia da *Semana* tempos depois. Esses escritores mineiros, já desenvolviam outra vertente do moderno, ligado a valores mais universais do que nacionais, e que teve como maior representante, o ilustre poeta de Itabira. A partir do encontro dos dois grupos, modernistas mineiros e paulistas em 1924, cria-se uma fértil interlocução⁶ (BOMENY, 1994 e DIAS, 1971).

Esses intelectuais ligados ao movimento modernista mineiro da década de 1920 se reuniram, a partir de 1934, em torno do Ministro Gustavo Capanema, formando o que Helena Bomeny chamou de *a constelação Capanema*. Seriam responsáveis por implantar e conduzir políticas pioneiras nas áreas de educação e cultura, como é o caso do SPHAN (BOMENY, 2001).

Por esta razão, para entender como foram formulados os discursos em torno da *mineiridade*⁷ que tanto influenciaram esses intelectuais e, por conseguinte, os desdobramentos do modernismo mineiro sobre as políticas de preservação no Brasil, voltaremos aos anos de 1890, em Minas Gerais e nos concentraremos sobre os acontecimentos que envolveram a transferência da capital do estado.

Mudança da Capital, Crise e Conciliação no Estado: A Sacralização de Ouro Preto

Em pesquisa intitulada: *Ouro Preto: A Construção da Cidade Histórica*, Caion Meneguello, nos revelou como os embates em torno da transferência da capital mineira, a partir de 1890, foram importantes no processo de consagração de Ouro Preto, como relíquia da nação (MENEGUELLO, 2007).

⁴ Essa abordagem que trata a Semana de Arte Moderna de 1922 como uma ruptura e, portanto, carro chefe do modernismo brasileiro, foi produzida pelos próprios protagonistas do movimento e reiterada pela crítica literária especializada. Wilson Martins no artigo “a crítica modernista”, inserido no livro *A Literatura no Brasil*, organizado por Afrânio Coutinho, afirma que o modernismo, entre 1922 e 1928, foi um movimento exclusivamente paulista e tão paulista que suscitou modernismos hostis no Rio de Janeiro e no Nordeste (MARTINS, p.515, apud REIS, 1998:113).

⁵ Sobre o modernismo no Rio de Janeiro, Ver: VELLOSO, 1996 e GOMES, 1993.

⁶ Sobre o contato entre modernistas mineiros e paulistas Ver: ANDRADE & ANDRADE, 1982.

⁷ Vários trabalhos se dedicaram ao estudo desse conjunto de valores que ficou conhecido como mineiridade em diferentes abordagens. AMOROSO LIMA, 1945; VASCONCELLOS, 1968; DULCI, 1984; ARRUDA, 1990; BOMENY, 1994.

As pressões para a mudança da capital se iniciam por meio da imprensa, a partir de 1890. O principal porta-voz da campanha pela mudança é o jornal *O Pharol* de Juiz de Fora, enquanto a principal oposição fica por conta de *O Jornal de Minas*, de Ouro Preto, de propriedade de Diogo de Vasconcelos (VISCARDI, 2007:30).

A disputa sobre a transferência da capital catalizava os conflitos políticos que assolavam o estado. Grupos políticos da zona da mata e sul de Minas sentiam-se aliados do poder representado por Ouro Preto e reivindicavam a mudança com fins de esvaziar o poder concentrado no centro do estado.

Dividindo as Minas em “minas do ouro” e “minas da terra”, José Murilo de Carvalho analisa como à medida que o século XIX avançava, o café se expandia pelo Sul de Minas e Zona da Mata, acentuando o caráter rural dos mineiros. O domínio da Minas da terra consolida-se após a proclamação da República e o poder político da Minas do Ouro diminui significativamente (CARVALHO, 2005).

Esse reordenamento de forças que acontece nesse período e que, obviamente, guarda íntima relação com a mudança do regime político, servirá como força motriz para que esse grupo aliado do centro de decisões do país, assumisse a missão de recuperar e legar para as futuras gerações a história da Minas, em sua “idade do ouro”.

Para os fins desse trabalho, vamos citar dois importantes nomes que lutaram em prol da permanência da capital em Ouro Preto, são eles: Diogo de Vasconcelos, historiador e político, e Cesário Alvim, político mineiro de relevo nacional e primeiro presidente do estado no período republicano.⁸ Os não-mudancistas, como ficaram conhecidos, depois de acirradas disputas no Congresso Mineiro e na Imprensa, perderam por apenas dois votos e acabaram aceitando a construção de uma nova capital no curral Del Rey, que teve início em 1894. (VISCARDI, 2007)

Nesse mesmo ano em que se inicia a construção de Belo Horizonte, Cesário Alvim, lamentava a destruição da cidade e chamava a atenção para a necessidade de preservá-la, mobilizando argumentos em favor de seu valor para a memória nacional:

“(...) E a cada construção nova que se levanta, cai uma construção velha, sem que alguém se tenha dado ao trabalho de estudá-la, fixando a sua recordação numa página histórica. Nesses escombros sem história, fica soterrada a última lembrança dos que, bem ou mal, na medida do que puderam, assentaram, suando e penando, na terra virgem do Brasil os alicerces da nossa nacionalidade. No Rio, a monomania da modernização inconsiderada sobe de ponto. Arrasam-se construções coloniais, não para, no seu lugar, se erguerem edifícios em que se não ofendam as leis de higiene e da arquitetura, mas para substituí-las por

⁸ Esses dois nomes, em diferentes proporções, são representantes da força do grupo da “minas do ouro”. A influência de Diogo de Vasconcelos restringe-se mais ao âmbito estadual e seu legado mais importante refere-se à obra historiográfica.

trambolhos sem arte, sem solidez, sem beleza (...) (MENEGUELO, 2007).

O Jornal *Opinião Mineira*, fundado e dirigido por Cesário Alvim publicou textos que reclamavam para Ouro Preto uma posição de “lugar de memória” da nação brasileira, atentando para a necessidade do reconhecimento de seu valor enquanto obra de arte e para a necessidade de sua preservação:

“Que temos feito até agora em matéria de arquitetura, que edifícios novos levantamos no Brasil, dignos de serem vistos e admirados, - para que assim demos à face uma expressão ridícula de supremo asco, quando se nos deparam essas deveras e eternas edificações coloniais, como a cadeia de Ouro Preto, fixando uma época, - e, altivas, de pé, protestando soberbamente contra as nossas casinhas de papelão, cheias de afeites e de arrebiques, que lembram o luxo do palavreado fofo e dos trocadilhos reles em que o estilo dos sonetistas gongóricos encobria a inutilidade da ideia e a morbidez do sentimento poético?

“(...) Minas, que é o único Estado em que as tradições ainda se enraízam, deve dar o sinal de alarma em prol da nossa nacionalidade ameaçada. E a primeira medida a tomar para isso é dar o exemplo da regeneração, mostrando como é preciso amar o passado.

“Ouro Preto, por exemplo, já é por si só um grande museu. Mas, como tudo neste museu, anda maltratado e descurado! Nas suas igrejas, as mais belas e curiosas do Brasil, mãos profanas estragaram, com restaurações ineptas, quadros e esculturas de um valor inestimável. A cada canto da cidade encontram-se móveis antiquíssimos, objetos de arte que se inutilizam à mingua de quem os recolha, verdadeiras preciosidades que será um crime deixar abandonadas à especulação dos antiquários espertos ou à ação terrivelmente destruidora do tempo.” (MENEGUELO, 2007).

Outro trecho publicado pelo *Jornal de Minas* de Diogo de Vasconcelos, poucos meses antes da inauguração da nova capital no Curral Del Rey, refletia a sensação de perda e ameaça representada pelo esquecimento e abandono da antiga capital da província. “Ouro Preto fica despojado das regalias de capital do nosso estado, mas ela será o sacrário dos gloriosos despojos históricos de Minas, que só foi grande, só tornou-se conhecida devido à incomparável riqueza da outrora Vila Rica” (MENEGUELO, 2007).

Belo Horizonte é inaugurada em 1897 e foi concebida, primordialmente, para ser o centro político, administrativo e cultural, capaz de unir em torno de si as forças políticas do estado devastadas pelos movimentos separatistas. Sob o comando de Silviano Brandão, político do Sul, foi implantada a hegemonia da nova política, na qual a nova capital representou a materialização do projeto conciliatório. Depois de intensos conflitos internos, de diversas facções políticas, em 1897, o estado consegue “reunir toda a boiada”, conforme a expressão de John Wirth, sob um só partido, o PRM.⁹

⁹ A criação do PRM resultou de um acordo de extrema habilidade política para a unificação das facções em torno de pontos básicos: defesa do federalismo, o que protegia Minas da interferência

No período subsequente à mudança, a “capital vencida” começa a sentir os sinais da perda de sua função política. A consequência imediata mais notável é o esvaziamento populacional. Além dos funcionários públicos que se mudaram para Belo Horizonte, comerciantes e profissionais liberais também migraram para outras regiões mais prósperas do estado. Estima-se que Ouro Preto tenha perdido cerca de 45% de sua população nesse período. A impressão de abandono é latente (MENEGUELLO, 2007: 2).

A transferência da capital representou um momento dramático em Minas Gerais. Temia-se que as velhas tradições fossem perdidas e com elas a “glória”, representada pelo passado colonial. Se os republicanos desejavam progresso e modernização, os políticos de Ouro Preto, fortemente ligados aos ideais monárquicos iam se empenhar em manter a tradição. É em meio ao sentimento de perda que os ouropretanos começam a reclamar a preservação da cidade¹⁰, ancorados em discursos que vão reinventar Ouro Preto e sacralizá-la em função de seu passado histórico de lutas e de seu valor artístico¹¹.

Conforme afirmou Lúcia Lippi, ao se iniciar um tempo novo, precisa-se evocar um tempo remoto. Lá estariam as raízes, o sentido verdadeiro do homem e da sociedade. O olhar para o futuro e a valorização do passado são marcas de momentos de grande ruptura, como é o caso da mudança representada pela chegada da República (OLIVEIRA, 1989).

Como podemos observar, a mudança de capital de Ouro Preto para Belo Horizonte não representou – como temiam seus contemporâneos – uma ruptura novo/velho, moderno/antigo, mas, uma recomposição que resulta em outro binômio, tradição/futuro, uma vez que o passado colonial representado por Ouro Preto e pela Inconfidência Mineira, não são abandonados, pelo contrário, são utilizados como uma hábil solução. Se por um lado tinha por objetivo neutralizar disputas políticas que enfraqueceram o poder do estado, por outro, conseguiram construir um discurso de consagração de Ouro Preto como *cidade-reliquia*, baseada no argumento de que fora ali que se forjara o sentimento de liberdade e a luta pela independência nacional.

Sobre essa dupla operação, que de um lado reordena o estado de Minas Gerais para o

federal; reforma do sistema fiscal; fim da sobretaxa na agricultura; garantia da representação da minoria no legislativo estadual, etc. O fundamental, todavia, era marcar o ganho político que adviria da unidade da elite mineira, poderoso instrumento de barganha para Minas na política nacional, dado o fato de ser a sua maior bancada política da federação (BOMENY, 1994:35). O A “conciliação”, realizada em Minas nesse período, tornou-se a principal marca da cultura política do estado, sendo reapropriada amplamente pelos principais políticos mineiros ao longo do século XX, tendo grandes exemplos em, Benedito Valadares, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, Tancredo Neves e Juscelino Kubitschek. Sobre a política mineira na primeira República, ver: MELO FRANCO, 1955; BOMENY, 1994, VISCARDI, 2001; MARTINS, 2009.

¹⁰ José Reginaldo Santos em *A Retórica da Perda*, analisa os discursos sobre patrimônio no Brasil a partir de 1937 e verifica como eles se fundaram sobre as noções de ausência e perda. A mesma análise pode ser aplicada à forma como Ouro Preto é ressignificada a partir da perda de sua função de Capital do estado.

¹¹ Sobre o processo de “invenção das tradições”, ver: HOBBSAWN & RANGER, 2002.

moderno e de outro finca as raízes de uma tradição a ser guardada, afirmou Lúcia Lippi sobre Ouro Preto,

Esse solo sagrado, berço dos mártires e precursores da independência e da ideia republicana no Brasil, deveria se tornar um santuário. De outro lado, era urgente criar o futuro, o espaço do homem novo, americano. Ouro Preto e Belo Horizonte são assim as duas faces da mesma moeda (OLIVEIRA, 2008:57).

Essa síntese entre tradição e modernidade, presente nos discursos formulados nesse período, fincaria raízes profundas na memória dos mineiros e seria apropriada pelos jovens intelectuais da rua da Bahia, nos anos 1920. Carlos Drummond de Andrade, Afonso Arinos de Melo Franco, Emílio Moura, Martins de Almeida, Pedro Nava, Abgar Renault, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Gustavo Capanema, Gabriel Passos, Guilhermino César, Aníbal Machado, Milton Campos, João Alphonsus, Alberto Campos, entre outros tonaram-se amigos, alguns via Colégio Arnaldo, outros nas redações do *Diário de Minas*, todos unidos, sobretudo, pela boemia e pelo gosto literário, tomando “cerveja ou média no café estrela” e discutindo as novidades literárias na Livraria Alves, ambos na rua da Bahia. Nasce assim, a primeira geração modernista de Minas (BOMENY, 1994: 56).

Mais tarde, essa tradição intelectual de Minas, fortemente ligada à valorização do passado, teria papel preponderante na criação das políticas de preservação no país, levadas a cabo por alguns membros desse grupo de intelectuais, “os rapazes de Belo Horizonte”, como chamou Drummond, que se reuniram no ministério Capanema, durante o Estado Novo (BOMENY, 1994).

A valorização de Ouro Preto, iniciada no momento da perda de sua função política no final do século XIX, foi se consolidando com a ajuda de diversos intelectuais que por lá passaram. Como veremos adiante, a impressão deixada pela cidade nos seus viajantes, foi e continua sendo, a de uma incursão ao passado, tamanha sua capacidade perturbadora de sensibilizar o expectador. Lúcia Lippi chamou a atenção para o efeito dessas “viagens ao passado, ao encontro de uma herança abandonada, que tiveram o efeito de produzir uma nova consciência em relação à necessidade de salvar os vestígios do passado” (OLIVEIRA, 2008:27).

Viagens a Ouro Preto: A Construção da cidade-relíquia

Muito antes de ser reconhecida por seu valor turístico, Ouro Preto foi destino de muitas viagens. Por lá passaram desde o período colonial, cientistas, naturalistas, literatos, artistas plásticos, eclesiásticos, funcionários metropolitanos, entre outros. Embora com objetivos distintos, todos foram responsáveis pela criação de um imaginário sobre a cidade.¹²

¹² Vários são os trabalhos que analisam como a literatura de viagem foi importante na criação de um

Por ora, nos deteremos sobre quatro viagens que são importantes no entendimento do processo de construção da cidade de Ouro Preto como sacrário da nação. Nos relatos dessas viagens, a antiga capital de Minas, aparece, como detentora de valores fundamentais à construção da identidade brasileira, como berço da liberdade e guardiã das mais autênticas tradições brasileiras.

Nossa primeira viagem acontece em 1893. Nesse ano, durante a Revolta da Armada¹³ no Rio de Janeiro, vários artistas e intelectuais foram perseguidos por Floriano Peixoto e exilaram-se em Ouro Preto. Minas Gerais era governada naquele momento por Afonso Pena que mantinha boas relações com o governo de Floriano, e dessa forma estava suspensa dos efeitos do estado de sítio, mostrando-se como lugar seguro. Lá refugiaram-se Olavo Bilac¹⁴, Magalhães de Azevedo, Carlos de Laet, Emílio Rouede, Álvares de Azevedo Sobrinho entre outros anti-florianistas¹⁵.

Em Ouro Preto, Bilac passaria a colaborar com *A Opinião Mineira*, jornal de Cesário Alvim¹⁶ e continuaria a colaborar com crônicas para a *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro. Bilac é recebido pelo escritor Afonso Arinos, com quem trava íntimas relações. O jovem advogado, formado em São Paulo em 1889¹⁷, era filho do senador Virgílio de Melo Franco e em Ouro Preto foi um dos responsáveis pela criação do Arquivo Público Mineiro e da Faculdade Livre de Direito de Minas¹⁸.

A despeito de divergências políticas, Bilac e Afonso Arinos unidos pelos interesses literários, tornaram-se muito próximos¹⁹. Afonso Arinos, apesar de pertencer a uma família

imaginário sobre os lugares narrados. Ver: PRATT (1999). Sobre o processo de significação ver: BAUDRILLARD, 1972.

¹³ A Revolta da Armada foi um movimento de Rebelião promovido por segmentos da marinha contra o governo de Floriano Peixoto. Esse conflito se desenvolve em dois momentos: 1891 e 1893 e se insere dentro da turbulenta fase de implantação da República no Brasil.

¹⁴ Conta-nos Antônio Dimas, que até esse momento, a incursão mais funda do poeta dentro do país dera-se por cerca de doze meses, entre 1887 e 1888, quando tentara o curso de direito na Faculdade do Largo de São Francisco em São Paulo, interrompido como interrompera o curso de Medicina no Rio (DIMAS, 2006:69)

¹⁵ Sobre a estadia de Bilac na capital mineira estou me baseando pela biografia do poeta escrita por Raymundo Magalhães Júnior, *Olavo Bilac e sua época*.

¹⁶ Cesário Alvim havia exercido o cargo de primeiro presidente do estado de Minas Gerais depois de proclamada a República, mas com a queda de Deodoro, ele é pressionado a renunciar, assumindo interinamente o vice Eduardo Ernesto da Cunha e em seguida o cargo é ocupado por Afonso Pena.

¹⁷ Afonso Arinos formou-se em Direito em 1889, na mesma turma que Paulo Prado, de quem tornou-se muito amigo e de quem viria alguns anos mais tarde ser cunhado, quando casa-se com Antonieta Prado. Depois do casamento o escritor passou a viver em Paris, dedicando exclusivamente à vida literária.

¹⁸ A Faculdade de Direito foi criada em 1892 e foi dirigida inicialmente pelo Conselheiro Afonso Pena. Em 1898 é transferida para Belo Horizonte, nova capital do estado.

¹⁹ Bilac era republicanista e Afonso Arinos monarquista convicto. A relutância em aceitar a consolidação do novo regime republicano teria sido o motivo pelo qual, poucos anos depois,

fortemente ligada à alta política desde o Império e ter à disposição todas as oportunidades que pretendesse, não seguiu o caminho da política, diferente do irmão Afrânio de Mello Franco cuja atuação e de seus filhos marcariam a diplomacia e a política brasileiras ao longo do século seguinte²⁰. Arinos, um dos precursores do nosso regionalismo literário, escreveria poucos anos depois seu clássico livro, *Pelo Sertão*:

Pelas mãos de Arinos, Bilac foi levado a conhecer profundamente a história e a cultura mineiras, visitando arquivos, conhecendo a arquitetura barroca e tomando contato com as histórias fixadas na memória dos ouro-pretanos. Um importante registro dessa amizade e da importância do contato entre os dois, está no discurso com que Bilac recebeu Afonso Arinos 10 anos depois na academia brasileira de Letras.

Enquanto pelas ruas de Ouro Preto, naquele ano trágico de 1893, os vivos comentavam com calor os episódios da revolta naval, e os bombardeios, e as prisões, e as loucuras, nos dois mergulhados no passado, conversávamos com espectros. Toda a gente do século XVIII, capitães-generais, ouvidores, milicianos de El-Rei, aventureiros, traficantes de pretos, frades e freiras, tiranos e peralvilhos, fidalgos brilhantes e pobres bateadores de ouro e catadores de cascalho, garimpeiros, senhores e escravos, dama da casta orgulhosa e imundas pretas descalças, ricos proprietários e contrabandistas farroupilhas, toda essa gente acudia ao chamado de nossa curiosidade e, falando das casas arruinadas do Padre faria e de Antônio Dias, evadindo do mistério dos arquivos repovoando as ruas cheias de escombros, vinha vier conosco a sua antiga vida pitoresca.²¹

Em Ouro Preto “o rebelde se convertera”. Assim escreveu Raymundo Magalhães, um dos biógrafos de Olavo Bilac, referindo-se à mudança operada no poeta depois da temporada de alguns meses na antiga Vila Rica, entre 1893 e 1894.

O Bilac boêmio, voltado para temas gregos e romanos, interessado por Nero, Marco Antônio, Cleópatra, Xenócrates, encontrara na velha cidade colonial outras fontes de interesse, *descobria o Brasil*, os bandeirantes, os desbravadores, os povoadores dos sertões distantes (MAGALHÃES JR, 1974:160). Anos mais tarde Amoroso Lima também mencionaria a

“desiludido, Arinos deixa o Brasil e vai morar definitivamente em Paris, a exemplo de tio de sua esposa, Eduardo Prado.

²⁰ Afrânio de Mello Franco fez longa carreira diplomática e em poucos anos tornaria-se um dos homens mais fortes da primeira república, ocupando posição de destaque durante o governo de Delfim Moreira (1918-1919). Seus filhos Virgílio e Afonso Arinos de Mello Franco também tiveram papel protagônico em eventos cruciais no século XX, como Revolução de 30, manifesto dos mineiros, queda e suicídio de Vargas e no golpe civil-militar de 1964. Um importante livro sobre a primeira República foi escrito por Afonso Arinos de Melo Franco, sobrinho, *O Estadista da República*, biografia política sobre o pai Afrânio de Mello Franco, escrita em 1955.

²¹ Bilac dá importantes pistas sobre a influência que recebeu de Arinos no discurso que profere para receber o autor de *Pelo Sertão*, na Academia Brasileira de Letras em 18 de setembro de 1903. www.academia.org.br. Acessado em 14/11/2009.

força do encontro de Bilac com Arinos, afirmando que “o homem helênico, o “diletante”, o “poeta erótico”, o parnasiano”, mais voltado para a França ou para Grécia do que o seu próprio país, iria conhecer, então, Minas Gerais e Afonso Arinos.²² Segundo Magalhães Jr, essa permanência em Ouro Preto se refletiu duplamente em sua obra. Em prosa escreveu, Marília, O Padre Faria, São João de Ouro fino, Entre ruínas, Lázaro. São José d'el Rei, Frei João Jose e o Tringo Eucarístico, publicados no livro *Crônicas e Novelas*. Na obra poética essa viagem ao passado resultou *O caçador de Esmeraldas e Tarde*.

Sobre o valor histórico de Minas e a sensação de abrasileiramento, Bilac escreveu:

A terra mineira não guarda somente nas entranhas o ouro excelente que a Inglaterra extrai e amoeda: guarda todo um mundo de tradições e de relíquias históricas, todo um passado ainda vivo e palpitante nas pedras das suas ruínas e nas recordações dos seus arquivos. Um filho do Rio, de São Paulo, de Pernambuco ou do Rio grande do Sul sente-se mais brasileiro quando respira o ar da mantiqueira (DIMAS, 2006: 77).

Segundo Antônio Dimas, que foi o responsável pela recuperação da obra jornalística de Bilac, e analisou as crônicas escritas pelo poeta em Ouro Preto atento para os desdobramento dessa experiência na obra do poeta, “a conversão de Bilac, se deu pelas mãos de Afonso Arinos, coadjuvado pelo historiador Diogo de Vasconcellos.²³ Foi na casa desse historiador, “monarquista no íntimo”, que Bilac se hospedou nos primeiros dias na cidade, levado por Arinos (DIMAS, 2006: 77).

A fascinação exercida pela cidade e pelo passado mineiro é percebida nas crônicas que Bilac escreve de Ouro preto para a *Gazeta de Notícias*. Nelas, Bilac expressa verdadeira idolatria pela cidade barroca e reitera a vocação de Ouro Preto como berço da liberdade, fazendo um contraponto com a situação beligerante vivida no Rio. A cidade que mais tarde inspiraria tantos escritores como Mário de Andrade, Oliveira Viana, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Cecília Meireles, entre tantos, deixou marcas que redirecionariam a trajetória intelectual do poeta parnasiano. Ao descrever a pureza de Ouro Preto, o poeta mobilizava argumentos amplamente usados para interpretar o Brasil, opondo interior e litoral. Para o poeta, Minas representaria a síntese do Brasil, devido à originalidade nas artes e a aura genuinamente brasileira, que teria ficado protegida da influência externa, graças a seu enclausuramento entre as montanhas. Vejamos um trecho

²² Carlos Laet, exilado em Ouro Preto pelos mesmo motivos, expressaria sentimento idêntico afirmando que Minas lhe dava vontade de “sabatinar a história do Brasil (DIMAS, 2006:78,79).

²³ Assim como Afonso Arinos, Diogo de Vasconcellos é herdeiro de tradicional família mineira, os Pereira de Vasconcellos. Historiador e político, esteve também ligado à criação do Arquivo Público Mineiro e foi um dos primeiros a escrever obras de síntese sobre a História de Minas Gerais. Os clássicos *História Antiga e História Média*, começaram a ser escritos logo após a mudança da capital de Minas, em 1898. Foram frutos de esforços de reunião de documentos em arquivos de Minas e de Portugal e tiveram objetivo claro de salvar Minas de um possível esquecimento em função da modernização imposta com a República.

de uma de suas crônicas, escrita em 03 de novembro de 1893 em Ouro Preto.²⁴

“Vir a Minas é vir ao coração do Brasil. Ouro Preto amantelada nas suas montanhas verdes, é como o reduto da nossa nacionalidade...Por São Paulo, pelos Estados do Sul, pelos Estados do Norte, a corrente estrangeira alaga a terra, desnacionalizando o povo...Posto assim, num meio que nada lembra, entre homens cujos costumes e cuja voz apenas falam de países estranhos e apartados, entre as coisas que falam apenas do presente, o espírito vai perdendo a consciência da nacionalidade, o coração se vai desapegando das reminiscências do passado. Eu, pelo menos, só me sinto verdadeiramente brasileiro, quando deixo perdida ao longe a vozeria da rua do Ouvidor, e, abrindo o peito ao ar livre do sertão, caio na vida simples dos campos, com a alma a espreguiçar-se voluptuosamente no seio verde e fecundo da natureza” (DIMAS, 2006:48).

De volta ao Rio, o “outro Bilac”²⁵ inicia uma nova fase de sua carreira literária. Em 1895 é convidado por Coelho Neto para adentrarem no universo da literatura infantil. A ideia era produzir “um livro de leitura fácil, contendo bons ensinamentos morais e cívicos”. Conforme nos conta Magalhaes Jr, o entusiasmo de Coelho Neto comunicou-se facilmente a Bilac, que voltara transformado de sua permanência em Minas, menos cosmopolita e mais inclinado para o seu próprio país, disposto a trocar o Egito por uma velha cidade mineira e Cleópatra por Marília de Dirceu. Em suma, abraçara seu espírito, sob a poderosa influência do jovem escritor Afonso Arinos²⁶ (MAGALHÃES JR, 1974:186).

Atento aos acontecimentos de sua época, Bilac escreveu em 1904 uma crônica na *Revista Kosmos*, sobre a Revolta da Vacina que nos mostra suas preocupações com a formação da nação.

As arruaças deste mês, nascidas de uma tolice e prolongadas por várias causas, vieram mostrar que nós ainda não somos um povo²⁷. Amanhã, um especulador político irá, pelos becos e travessas, murmurar que o governo tenciona degolar todos dos católicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos... E a gente humilde aceitará como verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da

²⁴ As crônicas jornalísticas de Olavo Bilac foram reunidas em um trabalho de fôlego realizado por Antônio Dimas. A reunião sob forma de livro das crônicas de Bilac publicadas entre os anos de 1890 e 1910 na imprensa carioca e paulista traz à luz uma valiosa fonte de pesquisa para os historiadores que ali encontrarão o testemunho de fatos importantes dos primeiros anos da República.

²⁵ Expressão de seu biógrafo, Raimundo Magalhães Júnior.

²⁶ Afonso Arinos, exímio estudioso da história da Minas e cioso de fixar na memória política do país a importância de Minas para a nação, foi um dos intelectuais que mais se empenharam na criação do Arquivo Público Mineiro, criado por José Pedro Xavier da Veiga, em 1895. O empenho de Arinos deve-se ao profundo conhecimento do acervo documental que Minas possuía e do medo da perda desses registros que pudessem às gerações vindouras o lugar que seu estado sempre ocupara desde os tempos coloniais (DIMAS, 2006: 77).

²⁷ Grifos meus.

vacina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se preguem editais aniquilando a calúnia, e pouco importa que todos os jornais destruam a infâmia em artigos, em notícias, em anúncios: a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram e a sua revolta brutal e irresponsável continuará a servir de arma aos especuladores. No Rio de Janeiro, e em toda parte os analfabetos são legião. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive; não é homem, é um instrumento passível e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio (MAGALHÃES JR, 263).

A estadia em Ouro Preto e as aulas de História do Brasil de Afonso Arinos tocaram profundamente o poeta. Anos mais tarde ele seria defensor de campanha de serviço militar obrigatório, voz quase solitária entre intelectuais e sociedade e em 1910 escreveria com Manoel Bomfim o Livro didático, *Através do Brasil*.²⁸

Em 1916 é a vez de Alceu Amoroso Lima conhecer a cidade. Ele e o jovem Rodrigo Melo Franco foram levados a Ouro Preto pelo velho senador Virgílio Melo Franco, (avô materno de Rodrigo). Sobre essa viagem, Amoroso Lima deixa um interessante relato:

“A Ouro Preto me levou o velho senador Virgílio, pai de Afonso [Arinos], e em nossa companhia, se me lembro, ia um jovem adolescente, bem mais moço que eu, a quem Arinos queria como ao filho que a providência lhe negara. Queixava-me amargamente do abandono em que jaziam as velhas relíquias arquitetônicas daquela cidade morta. Mal sabia eu, então, que ao jovem adolescente nosso companheiro de uma dessas nostálgicas peregrinações, estava reservado o papel histórico de vir a ser o maior defensor do nosso passado estético” (DPHAN, 1969).

Impressionado com o abandono e esquecimento das coisas brasileiras, Amoroso Lima escreveu no ano seguinte à viagem, a pedido de Monteiro Lobato o artigo “Pelo Passado Nacional” e publicado na *Revista do Brasil*. No artigo, relatava a experiência de viagem e descreveu o sentimento de nostalgia em relação ao abandono em que se encontrava a velha cidade barroca. Iniciou o artigo da seguinte maneira: “Venho de um grato colóquio com as coisas do nosso passado”. Prossegue em tom de manifesto, “e a voz das mortas gerações que fala por minha voz, a voz dos homens que primeiro desbravaram o terreno nacional, a dos que primeiros assentaram a pedra angular da pátria. Acorrei, filhos ingratos desta terra: vinde ouvir as lamentações da ruínas”. A indignação é latente, “um território heróico” transformado em “cidades mortas”. Indicando como a nação a ser construída deveria se pautar no passado e na tradição, Amoroso Lima é mais incisivo: “Tratemos portanto de guardar as roupagens do nosso berço para os obreiros do futuro. Ponhamos um freio a fúria demolidora e restauradora. Reabilitemos o passado nacional” (REIS, 1998:114).

O artigo de Amoroso Lima causou grande impacto no espírito dos jovens intelectuais

²⁸ Sobre a parceria de Bilac e Bomfim, ver o livro: O livro *Aprendizado do Brasil: A nação em busca de seus portadores sociais* de André Botelho.

da época, que estavam ávidos por descobrir o Brasil e reconhecê-lo enquanto nação e possuidor de cultura singular.

O autor de *A Voz de Minas* possuía íntima relação com os mineiros, iniciada ainda na infância, como amigo da família Melo Franco. Seu pai era muito amigo de Afonso Arinos (o sertanista) e na casa deste em Paris, passava férias. Foi na capital francesa nesse período que Alceu ficou amigo de Rodrigo de Melo Franco que morava na casa do tio. Rodrigo perdeu o pai muito cedo e teve sua formação ligada ao tio escritor.

Vejamos uma passagem onde Alceu assinala a missão de Minas:

A Minas cabe, pois, a missão de preservadora do passado, de reformadora das influências cosmopolitas que vão levando o Brasil para o indistinto ou a servidão moral e finalmente de compensadora de todos os desequilíbrios extremistas. Minas não é o Brasil. Mas está naturalmente fadada a ser o centro de gravidade do Brasil (AMOROSO LIMA, 1945:144).

Assim como no caso do poeta Olavo Bilac, Amoroso Lima teve seu sentimento de brasilidade despertado por Afonso Arinos. A esse autor dedicou seu primeiro livro, um estudo crítico sobre a obra de Afonso Arinos publicada em 1922.

A ligação de Amoroso Lima com os mineiros acarretaria desdobramentos importantes para o futuro da geração de intelectuais mineiros dos anos 1920, uma vez que é por sua influência que Gustavo Capanema é indicado para o cargo de Ministro da Educação e Saúde em 1934, cargo que ocuparia até 1945 (SCHWARTZMAN, BOMENY, COSTA, 2000:61-64).

Mário de Andrade também fez sua primeira viagem a Minas em 1919, ocasião em que conheceu o poeta simbolista Alphonsus de Guimarães em Mariana, com quem passaria a corresponder-se. Após conhecer as cidades históricas mineiras, Mário de Andrade tomou para si a tarefa de analisar a cultura material do período, valorizando-a, dentro do projeto modernista de olhar para dentro do Brasil. Como resultado da viagem, Mário publicou na *Revista do Brasil* no ano seguinte, quatro artigos sobre a arte religiosa barroca. Nesses artigos, o autor de *Pauliceia Desvairada*, apontava Aleijadinho como precursor da nacionalidade, como exemplo primeiro da solução brasileira da colônia, da genialidade do mestiço que ultrapassaria a herança recebida dos lusitanos (LIPPI, 2008).

Nossa última viagem nos leva à Semana Santa de 1936, quando Ouro Preto recebeu pela primeira vez dois mineiros ilustres: Afonso Arinos de Melo Franco (o segundo, sobrinho do sertanista) e Pedro Nava. A ligação de Afonso Arinos com a cidade é profunda. A trajetória de seus familiares, tanto os Alvim como os Melo Franco estão ligados à antiga capital da província.²⁹

Como relato dessa viagem, Arinos publicou em 1937 o *Roteiro Lírico de Ouro Preto*,

²⁹ “Via o meu avô Melo Franco, de noite, na casa grande da ladeira do Pilar, antiga dos Caldeireiros(...)Via, nas tardes calmas, o meu avô Alvim, de calças claras, descer a cavalo do palácio do governo...”. (FRANCO, 1937:22)

uma descrição sentimental da cidade, guiada principalmente pelo reencontro com seus ancestrais e com a história de Minas Gerais, tão conhecida por ele. É na imagem de Ouro Preto como terra da liberdade e como berço de manifestações literárias e artísticas que marcaram a história política e cultural do país, que se localiza um dos pontos mais importantes da narrativa de Arinos, observado por Berenice Cavalcanti ao analisar *O Roteiro* (CAVALCANTI, 2006:141).

A viagem influenciaria indelevelmente o famoso ensaísta. Em 1938, um ano após a publicação do *Roteiro*, Afonso Arinos proferiu a conferência “*Inconfidência Mineira, origens e tendências ideológicas*”, no Instituto Histórico e Artístico Nacional – IHGB. O argumento central de Arinos é que a Inconfidência representaria o momento fundador de nossa tradição republicana. Para o autor, mesmo não tendo alcançado sucesso, a Inconfidência teria importância e significados incomparáveis em relação ao processo de Independência de 1822, que a despeito de firmar uma separação da Colônia com a metrópole, não fundou uma tradição. A Independência não teria sido capaz de firmar valores e símbolos sobre os quais, posteriormente, se cultivassem identidades políticas e culturais. Com a Inconfidência inicia-se o processo de *conscientização nacional*³⁰ e, em seu ponto de vista, é a partir desta experiência histórica que se pode reconstituir o processo de evolução de ideias políticas no Brasil. Para Arinos, o espírito revolucionário dos inconfidentes era nosso “tesouro perdido” e Vila Rica era ao mesmo tempo a relíquia e a esperança dos brasileiros (CAVALCANTI, 2006: 93).

Afonso Arinos faria parte, a partir de 1937, do grupo chamado por Mariza Velozo de “academia SPHAN”. Foi membro do seu conselho consultivo ao longo de 50 anos e pertenceu ao grupo de intelectuais mais próximos a Rodrigo de Melo Franco, ao qual pertencia também Carlos Drummond, Manoel Bandeira e Lúcio Costa.

A cidade de Ouro Preto passou por ações de restauração ainda na década de 1920, por parte do governo estadual. Em 1933 é elevada à categoria de Cidade-Monumento no âmbito da Inspetoria de Bens Nacionais do Museu Histórico Nacional, antes da criação do SPHAN. Em 1938, dentro das ações do SPHAN, juntamente com outras cidades mineiras, é tombada em seu conjunto. A partir do tombamento, considerada como obra de arte, a cidade é alvo de intervenções com fins de recompor-lhe a originalidade, sendo apagados traços ecléticos e até demolidas edificações do século XIX, para recompor a “boa arquitetura” no dizer dos arquitetos modernos.

A atuação do SPHAN durante a conhecida “fase heróica”, compreendida entre 1937-1967, período em que Rodrigo de Mello Franco esteve à frente da instituição, tem como marca preponderante a atenção especial ao patrimônio mineiro. Os intelectuais identificados com o modernismo e associados ao regime político do Estado Novo, do qual fazia parte Rodrigo, concebiam a si mesmos como uma elite cultural e política cuja missão era “modernizar” ou “civilizar” o Brasil, elevando o país ao plano das nações europeias mais avançadas. Conforme assinala José Reginaldo Gonçalves, tal projeto estava associado ao

³⁰ Grifos meus.

reconhecimento da necessidade de produzir uma imagem singularizada do Brasil como cultura e como parte da moderna civilização ocidental. No fundo, não se tratava simplesmente de imitar a Europa, mas identificar e afirmar a autenticidade da cultura brasileira. Acreditavam que, para “identificar” ou “redescobrir” o Brasil, o país teria de retornar aos seus mais “autênticos” valores nacionais, os quais estavam supostamente fundados no passado (GONÇALVES, 2002).

Tomando o legado português como matriz tradicional, se passaria a uma valorização das construções dos séculos XVII e XVIII e uma negação da arquitetura do século XIX, dominada pelo ecletismo e pelo neoclassicismo, considerada degenerescência e imitação se comparada à arquitetura tradicional. A originalidade artística e estética se encontraria nas construções espalhadas pelo interior do Brasil em geral e em Minas Gerais em particular.

O estado de Minas Gerais, como um todo, é o lugar por excelência da prática do SPHAN. Foram tombados, neste período 165 bens, o que corresponde a 23.9% dos tombamentos totais. Em seguida vem Rio de Janeiro com 140 bens, Pernambuco com 56 e São Paulo com 41 bens tombados (RUBINO, 1991:128).

Nossa intenção ao refazer esse percurso que começa com a transferência da capital de Minas, passando pelas viagens a Ouro Preto, chegando até o SPHAN perpassa dois pontos principais. O primeiro diz respeito à proposta de repensar a importância atribuída ao modernismo paulista sobre a valorização das cidades históricas mineiras e à necessidade de preservá-las, que foi em grande medida, entendida como fruto da famosa viagem de “redescoberta do Brasil”, realizada em 1924, pelos paulistas e pelo poeta francês Blaise Cendrars.³¹

O segundo e mais intrigante, diz respeito a uma genealogia do patrimônio, encontrada entre os defensores históricos de Ouro Preto: Afonso Arinos, Diogo de Vasconcelos e Cesário Alvim e seus descendentes diretos, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Sylvio de Vasconcelos e Afonso Arinos (o autor do *Roteiro*).

Rodrigo e Sylvio são, respectivamente, diretor e representante regional do SPHAN em Minas e durante cerca de 30 anos são responsáveis pela execução das políticas de preservação nacional e estadual. A preferência por Ouro Preto é clara no planejamento e execução de obras. Afonso Arinos, como já dissemos, seria membro de seu conselho consultivo por mais de 50 anos e um importante defensor das causas mineiras.

No caso da atuação do Serviço de Patrimônio em Minas, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Sylvio de Vasconcelos são os dois nomes mais importantes. Em primeiro lugar pelo longo tempo em que estiveram à frente do Serviço e em segundo pela já mencionada genealogia familiar no que tange ao interesse e compromisso com a preservação do legado histórico e arquitetônico do estado e mais especificamente de Ouro Preto.

³¹ Sobre a viagem de 1924, ver: Amaral, 1997.

Bibliografia:

AMARAL, Aracy. *Blaise Cendrars no Brasil e os Modernistas*. São Paulo: Editora 34, 1997.

AMOROSO LIMA, Alceu. *Voz de Minas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ANDRADE, Carlos Drummond & ANDRADE, Mário. *A Lição do Amigo: Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1982.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: editora Brasiliense, 1990.

BANDEIRA DE MELLO, Ciro Flávio. *A noiva do trabalho: Uma capital para a República*. Indutiar, Eliana. *BH: Horizontes Históricos*. Belo Horizonte: Com Arte, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. *Para uma economia política do signo*. Lisboa: Martins Fontes, 1972.

BOMENY, Helena. *Os Guardiões da Razão: Modernistas Mineiros*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: A nação em busca de seus portadores sociais*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

BRASILEIRO, Vanessa B. *Sylvio de Vasconcellos: um arquiteto para além da forma*. Tese de doutorado, Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 2008.

CARVALHO, J. M. *Ouro, Terra e Ferro*. Vozes de Minas. In: GOMES, A.C. *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

CAVALCANTI, B. *Passaporte para o Futuro: Afonso Arinos de Melo Franco, Um ensaísta na República*. Rio de Janeiro, Vieira e Lent, 2006.

DIAS, Fernando C. *O Movimento Modernista em Minas: Uma interpretação Sociológica*. Brasília, Ebrasa, 1971.

DIMAS, A. *Bilac, o Jornalista: Crônicas- Vol.1*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora da Universidade de São Paulo/Editora da Unicamp, 2006.

_____. *Bilac, o Jornalista: Ensaio*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora da Universidade de São Paulo/Editora da Unicamp, 2006.

DPHAN. *A Lição de Rodrigo*, Recife, 1969

DULCI, Otávio Soares. "As Elites Mineiras e a Conciliação: a Mineiridade como ideologia".

Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Cortez, 1984.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Roteiro Lírico de Ouro Preto*. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

_____. *Um estadista na República*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1956.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio...Os Intelectuais cariocas e o modernismo. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. V.6, n.11, 1993, 62-77.

GONÇALVES, José Reginaldo S. *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Ministério da Cultura - IPHAN, 2002.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MAGALHÃES JR, Raymundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1974.

MARTINS, Wilson. A crítica modernista. In: COUTINHO, *A Literatura no Brasil*. Vol. 5. São Paulo: Global, 1986, apud REIS, Vera Lúcia dos Reis. *O Perfeito escriba: Política e letras em Alceu Amoroso Lima*. São Paulo, Annablume, 1998, p. 114.

MARTINS. Amilcar. *O Segredo de Minas. A origem do estilo mineiro de fazer política (1889-1930)*. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

MENEGUELLO, Caion. *Ouro Preto: a Construção de uma cidade histórica*. Dissertação de mestrado, UNICAMP, 2007.

MORAES, Eduardo Jardim. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro, Graal, 1978.

NORA, Pierre. "Entre Memória e História: a problemática dos lugares", In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é Patrimônio: Um guia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 20.

_____. Repensando a tradição. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, v.7, n.38, dez.,1987, citado por GONÇALVES, p.41.

_____. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

POMIAN, Krzystof. "Coleção". In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da

Moeda, 1984.

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

RUBINO, Silvana. *As fachadas da história: os antecedentes, a criação e os trabalhos do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1937-1968*. Campinas, dissertação de mestrado, IFCH, UNICAMP, 1991.

REIS, Vera Lúcia dos Reis. *O Perfeito escriba: Política e letras em Alceu Amoroso Lima*. São Paulo, Annablume, 1998.

SCHWARTZMAN, S. et al. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SANTOS. Mariza Velozo. Nasce a Academia SPHAN. IN: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº24, 1996.

WIRTH, John D. *O Fiel da balança: Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982.

VELLOSO, M. P. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VISCARDI, C. *O teatro das Oligarquias: Uma Revisão da "Política do café com Leite"*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2001.

_____. A capital controversa. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte: APM/Roxia. V. XLIII, p.28-41, 2007